

Educação e classe dominante

O GLOBO

J. O. DE MEIRA PENNA

12 DEZ 1990

Gostei de contar um episódio comigo ocorrido quando, há dois ou três anos, lecionava no Departamento de Relações Internacionais e Ciência Política da Universidade de Brasília. Estava eu expondo a teoria do Estado de Direito, as idéias de Hobbes, Locke e Rousseau sobre o Contrato Social e as teses de Weber sobre os três tipos de autoridade ou dominação legítima. Constantemente era interrompido por uma pequena turma de estudantes que me faziam perguntas extemporâneas sobre luta de classes, exploração do proletariado, burguesia opressora, classes dominantes e outras estultices no gênero. Eram todos, presumo, do PT, com alguns talvez do PC do B, PDT ou PSDB. A Universidade, como se sabe, é controlada pelo PT e os jovens representantes do partido se achavam com direito a demonstrar o alto grau de disciplina, padrão de ensino e eficiência pedagógica da instituição. Um dia, porém, exasperado com as interrupções, me detive no discurso e devolvi o desafio. Fiz um teste: "Queriam que vocês me dissessem se estão todos de acordo com a divisão da sociedade em duas classes: a classe dominante exploradora e a classe dominada explorada. Alguém tem dúvidas a respeito?" Ninguém se manifestou, dando assentimento tácito à premissa. Parti então para a segunda questão: "A primeira classe é a dos burgueses capitalistas e a segunda a dos proletários oprimidos. Todo o mundo está de acordo?" A maioria silenciosa provou-me que estava realmente de acordo. Avancei em seguida para o gambito: "Vejo que ninguém, aqui, tem cara de proletário. Vocês são todos brancos (os únicos pretos a que lecionei na Universidade eram africanos com bolsas de estudo concedidas pelo Itamaraty), vocês usam todos calças jeans como qualquer rico estudante nos EUA ou na Europa, vestem todos camisetinhas com dizeres às vezes em inglês (diante de mim um marmanjo ostentava o dístico "Universidade de Harvard", enquanto na camiseta se-

mitransparente de uma garota petulante lia-se "This is all yours") e possuem quase todos automóveis. Vocês não parecem proletários. Quem é então que é burguês?" Um silêncio ainda mais sepulcral foi a resposta que recebi. Parti para o xeque-mate: "Se não há aqui nem proletários explorados, nem burgueses exploradores, pergunto então o que são vocês? E ofereço minha própria sugestão: Vocês são aquilo que eu também sou, pois tenho 50 anos de serviço público, inclusive nesta Universidade. Vocês são os membros da classe dominante brasileira, burocrática e patrimonialista. Aposto que todos os seus pais ou vocês mesmos são funcionários públicos, políticos, militares, ou exercem outra profissão qualquer dependente do Estado. Vocês pertencem àquilo que, na União Soviética, se chama a **Nomenklatura**: a elite gramsciana que controla a superestrutura intelectual ou cultural da nação. Vocês são filhos dos donos do poder." Minha tese, como seria de esperar, não muito contribuiu para incrementar minha popularidade como docente, sendo recebido com visível desconforto ou incompreensão. Ninguém, contudo, ousou repudiar meu desafio. Ao sair do prédio ao final da aula, um jovem nisei, bastante tímido, pediu-me uma carona para a cidade. Confessou-me que seu pai, japonês, era dono de uma lojinha em Taguatinga, a principal cidade satélite de Brasília. Era ele, na verdade, o único em minha classe de 30 ou 40 alunos que não possuía automóvel e poderia ser classificado como burguês capitalista...

O que caracteriza a classe dominante brasileira, mormente em Brasília, é que ela possui, além de suas inúmeras mordomias e altos salários, o privilégio do ensino de Segundo Grau e superior gratuito para seus gentis e geniais rebentos. Há 400 mil universitários em universidades federais e estaduais que consomem a maior parte das verbas do Ministério da Educação, enquanto pouco mais de um milhão de estu-

dantes de ensino superior encaminham-se para as instituições privadas — as quais recebem subsídios irrisórios nas dotações orçamentárias da União. Conforme acentua Frei Constantino Nogara, Reitor da Universidade de São Francisco, em Bragança Paulista, "85% dos alunos matriculados em universidades estatais gratuitas pertencem à classe A, a classe alta." Na realidade o frei mendicante poderia haver acrescentado que desses 85%, provavelmente a grande maioria também pertence à classe dominante patrimonialista, isto é, à classe de tecnocratas, políticos e militares que servem ao Estado — talvez sete ou oito milhões de indivíduos que são classificados como "Nova Classe Ociosa", por Ives Gandra, como "Cosa Nostra", por Oliveiros Ferreira, e como "Vira Bosta", por Emil Farhat. A classe dominante, aliás, não gosta do ensino privado. A gente realmente se indaga se o Ministro Chiarelli, que está servindo um Governo autoproclamado "liberal", estaria empenhado na destruição do ensino privado no País, de tal modo espreme as escolas particulares entre a foice do aumento dos salários dos professores e o martelo do controle das mensalidades escolares. Enquanto o grosso das verbas vai para a educação superior, ficam à míngua o ensino de Primeiro Grau e a erradicação do analfabetismo. Isso evidentemente é encoberto pela classe dominante com gritos estridentes de "Tudo pelo social!", "Justiça social!", "Melhor distribuição da renda nacional!", sabendo-se perfeitamente que seu verdadeiro desejo é a socialização prática e ideológica do ensino em proveito próprio, a manutenção de seus privilégios cartoriais, a permanência do Brasil em regime de patrimonialismo selvagem e a projeção de toda culpa pelas mazelas do País sobre as multinacionais, os bancos, o FMI e os americanos.